

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

**Metáforas da Cidade: as representações de Oeiras-PI na literatura de
O. G. Rego de Carvalho**

José Maria Vieira de Andrade - UFPI*

RESUMO

Este trabalho aponta para as possibilidades de utilização da literatura de O. G. Rego de Carvalho numa pesquisa histórica, que têm como objetivo central analisar as representações de Oeiras, a primeira capital do Piauí, presentes nos livros do escritor. Tratando a literatura como objeto de estudo e não somente como uma fonte secundária à disposição do historiador, bem como levando em conta algumas das principais discussões historiográficas sobre a temática da cidade, nosso texto se propõe a discutir como, sob uma atmosfera de mistério, solidão e abandono, o escritor reconstrói em seu texto uma imagem metafórica para a cidade de Oeiras e para seus cidadãos. Imagem esta que vai de encontro com a condição histórica que a cidade ocupava, e ainda ocupa, no contexto histórico local, seja pelas suas tradições sócio-culturais, seja pelas suas características de cidade provinciana.

Palavras-chave: história, literatura e cidade.

RESUMÉ

Ce travail se dirige en ce qui concerne les possibilités d'utilisation de la littérature des O. G. Rego de Carvalho dans une recherche historique, celui ont en tant que central objectif pour analyser les représentations d'Oeiras, le premier capital du Piauí, présent en livres de l'auteur. Traitant la littérature comme objet d'étude et non seulement comme source secondaire à la disposition à l'historien, comme le compte rentrant qu'une partie des discussions historiographiques sur les thématiques de la ville, notre texte si considère discuter comme, sous une atmosphère de mystère, de solitude et d'abandon, l'auteur reconstruit en son texte une image métaphorique pour la ville d'Oeiras et de ses habitants. Image ceci qui va de rencontrer l'état historique que la ville occupée, et occupe toujours, dans le contexte historique local, l'un ou l'autre pour ses traditions associé-culturelles, l'un ou l'autre pour ses caractéristiques de ville de villageois.

Mot-clef : histoire, littérature et ville.

*

A discussão sobre cidade corresponde a uma temática que ocupa uma posição de grande destaque entre as produções historiográficas recentes, especialmente para os historiadores que trabalham na perspectiva da Nova História Cultural que, imbuídos do interesse pela utilização de fontes alternativas de pesquisa, que possibilitem uma maior amplitude para análise da problemática da modernidade e do fenômeno urbano, procuraram estudar a cidade por meio de suas representações¹.

¹ Mestrando em História do Brasil, pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPI. Bolsista CAPES.

¹ Segundo Chartier, a utilização do termo representação pressupõe uma distinção clara entre o que representa e o que é representado. Ou seja, a representação “é o instrumento de um conhecimento mediato que faz ver um

Em meio a esse processo a literatura assume uma posição privilegiada, à medida que o trabalho com este tipo de linguagem possibilita ao historiador o contato com aspectos sócio-culturais difíceis de conseguir somente com o manuseio de fontes documentais tradicionais. Conforme ressalta Pesavento:

A literatura tem, ao longo do tempo produzido representações sobre o urbano, que traduzem não só as transformações ao longo do espaço como as sensibilidades e sociabilidades de seus agentes. Nesse sentido, a utilização de obras literárias, em prosa ou em verso, por parte do historiador lhe possibilita um contato com o que se poderia chamar de “sintonia fina” de uma época, com as características essenciais que estariam na raiz dos modos de pensar, sentir, agir e, sobretudo, de representar o mundo (1995, p.13)

Entre as produções literárias dos escritores piauienses, a temática da cidade aparece em muitos trabalhos, e das mais variadas formas, seja em se tratando de poesia, crônicas, contos ou romances, como é o caso dos escritores H. Dobal, Assis Brasil, Fontes Ibiapina, dentre outros.

Um nome *sui generis*, presente no cenário literário piauiense, que possui uma produção literária pertinente a este tipo de abordagem é o romancista O. G. Rego de Carvalho, escritor que dedica uma atenção especial a sua cidade natal, Oeiras, em todas as suas obras.

Filho de uma tradicional família de origem lusitana, O. G. Rego passou grande parte de sua infância na cidade onde nasceu. Morou muitos anos também na Capital Teresina e depois no Rio de Janeiro, onde conviveu com a geração dos escritores intimistas de Clarisse Lispector. Ao longo de sua trajetória no meio literário, colaborou em várias revistas e suplementos literários do país. No Piauí, ao lado do poeta H. Dobal e de Manuel Paulo Nunes fundou o caderno de letras meridiano², um espaço literário importante para as primeiras atuações de seus fundadores no meio artístico local.

Apesar de ter produzido e publicado vários contos em periódicos literários de circulação nacional, O. G. Rego se notabilizou pela publicação de três importantes obras: *Ulisses entre o Amor e a Morte (1953)*, *Somos Todos Inocentes e Rio Subterrâneo (1967)*. Este último é considerado por muitos leitores ou críticos e pelo próprio autor como o seu livro de maior densidade.

O. G. Rego de Carvalho é um dos literatos piauienses mais comentados pelos críticos. Entre os principais estudos desenvolvidos sobre o autor encontramos o livro

objeto ausente substituindo-lhe uma ‘imagem’ capaz de repô-lo em memória e de ‘pintá-lo’ tal como é” (CHARTIER, p.184)

² O Caderno de Letras Meridiano foi uma das principais bandeiras de um movimento cultural que eclodiu em Teresina, no final dos anos 40 do século XX, em prol de um processo de renovação da literatura local. Circularam somente três números da revista, que foram suficientes para a revelação dos seus três autores protagonistas.

Linguagem e Comunicação de autoria de Francisco Miguel de Moura (1972), que analisa algumas questões formais e contextuais referentes às três obras do escritor, ressaltando a forma minuciosa como sua ficção mergulha fundo na alma dos personagens para colher os sentimentos mais profundos que atormentam o ser humano.

Podemos ressaltar também a pesquisa de mestrado do professor Fabiano de Cristo Rios Nogueira (1981), intitulada “O mundo degradado de Lucínio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo”, onde Nogueira analisa o drama da incomunicabilidade em que se move o personagem Lucínio em *Rio Subterrâneo*.

Ao analisarmos essas abordagens, observamos que, de modo geral, ao apontarem o valor das contribuições trazidas pelo autor para a literatura piauiense, e brasileira, destacam, principalmente, as inovações que conseguiu operar em termos de linguagem e as peculiaridades de sua ficção por não seguir o estilo regionalista muito em voga no período em que publicou seus livros.

Porém, no que diz respeito a pesquisas históricas, ainda não existem estudos aprofundados sobre a produção literária de O G Rego, nem mesmo houve dentre a crítica literária existente a preocupação em analisar a imagem de Oeiras construída por ele em seus romances, apesar das constantes referências feitas à cidade em sua narrativa.

Ao comentar, numa breve autobiografia, sobre as razões e os motivos que o levaram a se tornar um escritor, o próprio O G Rego, afirma que “É preciso conhecer um pouco Oeiras para chegar à obra que eu realizei” (p.18). Em outras palavras, toda a sua ficção está, de certa forma, voltada para a cidade, onde ele nasceu e viveu muitos anos de sua vida. Para a cidade que, conforme ressalta Terezinha Queiroz, é “profundamente permeada de historicidade, a mais densa de memória social, a cidade que melhor sintetiza as conquistas, as glórias, os percalços e as dificuldades do percurso do Piauí enquanto unidade social” (1995, p.29).

Portanto é diante das lacunas existentes em relação às produções acadêmicas sobre O. G. Rego de Carvalho e tendo em vista a forte presença de Oeiras nos livros do escritor que, pretendemos desenvolver uma pesquisa histórica tendo como principal fundamento analisar a representação dessa cidade construída por ele em suas obras.

Analisar as representações de cidade na literatura de O. G. Rego prescinde que não percamos de vista também a posição que sua terra natal ocupa no cenário sócio-histórico local. Na condição de uma das cidades mais antigas do país e, considerando o fato de que foi a primeira capital, Oeiras vivenciou ao longo dos seus mais de quatrocentos anos de existência, uma história bastante singular em relação aos demais municípios piauienses. Uma dessas peculiaridades está relacionada com o trauma vivido pelos seus cidadãos, quando transferiram a sede do Governo Estadual para Teresina, em 1852.

Dos anos que decorreram à transferência da sede de governo até meados da década de 1930, a história da cidade foi marcada por uma fase de decadência político-econômica, com fortes reflexos nos mais diversos setores sociais, especialmente no imaginário daqueles que não quiseram deixar sua terra, em prol de uma possível vida melhor na nova capital. Conforme afirma a pesquisadora Elaine Moura³ (2004, p.71), “no período de decadência, a cidade viveu das lembranças da fase aristocrática, mergulhando em nostalgia e desânimos”, experimentando o que se convencionou chamar “insulamento cultural”⁴.

Essa situação só veio a se modificar após 1930, quando a partir de então, a cidade passou por algumas mudanças, especialmente no aspecto físico-estrutural, com a construção de novas praças, mercado, cine teatro e outros espaços sociais que tinham por base trazer um certo ar de prosperidade à antiga Capital.

Dessa forma, a partir da década de 50, período em que O. G. Rego escreve seus livros, enquanto Teresina, ao aproximar-se das comemorações do seu centenário, estava procurando dar andamento ao seu processo de urbanização e modernização, acompanhando os ideais desenvolvimentistas importados de outros centros urbanos do país, Oeiras buscava se firmar como a verdadeira “terra mãe”, o berço cultural dos piauienses, que, para os seus cidadãos apesar de algumas mudanças, nunca havia perdido seu aspecto de cidade tradicional e provinciana, que continua a caracterizá-la até os dias de hoje.

Contudo, toda essa trajetória de mudanças e de perdas teve uma forte influência na forma como os oeirenses pensam e se relacionam com sua cidade. Essa sensibilidade se manifesta, especialmente através da produção literária de personagens importantes do cenário

³ Elaine Moura recentemente defendeu a dissertação de mestrado sob o título “Oeiras – Educação, Arte e Loucura: do significado ao sentido”. Este estudo, apesar de se tratar de uma pesquisa voltada prioritariamente para o viés educativo, aponta aspectos importantes do processo de formação histórico cultural da cidade de Oeiras, especialmente no que se refere à questão da loucura, presentes na produção artística dos expoentes da cultura oeirense, abrindo caminho para questionamentos que merecem ser aprofundados numa pesquisa histórica.

⁴ Termo utilizado pelo historiador oeirense Dagoberto de Carvalho Júnior para caracterizar o período de decadência em que Oeiras viveu após a transferência da capital para Teresina. (MOURA, 2004, p.73).

artístico local, a exemplo do ocorreu com os livros de O. G. Rego de Carvalho, conforme afirma o próprio escritor em sua autobiografia.

A atmosfera de Oeiras, não só histórica mas também sentimental, a ambiência de mistério e a poesia que envolve a cidade, suas tradições centenárias, suas igrejas barrocas, os morros que a cercam, tudo isso criou em mim uma condição favorável à criação literária. (CARVALHO, 1994, p.4).

Em termos gerais, as narrativas presentes em seus livros estão recheadas de aspectos de caráter biográficos, especialmente no que se refere às recordações da juventude do autor. De forma semelhante, O. G. utiliza as cidades piauienses onde viveu, Oeiras e Teresina, como os principais cenários de seus romances, sobretudo a primeira capital do estado que, de acordo com Lima (2003), aparece em sua narrativa sob o aspecto de cidade provinciana, atrasada, cheia de tradições seculares, religiosas, no linguajar, na aparência da cidade; nos seus casarões antigos, suas ruas, pontes e suas praças longas.

Percorrendo sua produção literária chegamos primeiramente em *Ulisses entre o Amor e a Morte*, primeiro livro publicado por O. G. Rego. Neste trabalho, já é possível encontrar alguns elementos importantes que permeiam toda sua ficção. O livro narra, em primeira pessoa, o drama vivenciado pelo personagem *Ulisses*, na passagem da infância para a juventude, apontando os desejos e aflições que o atormentam nesse momento de descobertas importantes: a morte e doença do pai, a solidão do irmão, os mistérios da juventude e a descoberta do primeiro amor.

Em meio a este universo de transformação, a imagem de Oeiras, com suas ruínas, casarões antigos, seus ares de cidade morta, sobressai-se, primeiramente, como cenário das vivências de um *Ulisses* ainda preso aos lanços da infância e à figura do pai, para depois, da ida do nosso personagem para Teresina, transformar-se em uma melancólica referência dos tempos idos e que não voltam mais.

Por ter adoecido somente depois fui para Teresina. Durante a viagem, porém, Oeiras não me saía do pensamento, com seus morros, o riacho, a quinta – tudo que me entretivera o coração e sentia perder agora para sempre. Num misto de prazer e ternura, vinham-me à lembrança dos momentos felizes que esquecera e cuja evocação era uma alegria para mim (CARVALHO, 2001, p.45).

Com esse mesmo ímpeto em vasculhar o íntimo de seus personagens, O. G. Rego de Carvalho chega em *Somos todos inocentes*, um romance voltado mais para os problemas do cotidiano; a vida e seus conflitos na “velha Oeiras de 1929, isolada e decadente” (MOURA, 1997). Este texto narra, por sua vez, a estória de um amor impossível vivido entre

dois jovens pertencentes a famílias tradicionais e rivais da antiga capital: a meiga e complexa *Dulce*, pertencente à família Barbosa e personagem central do romance, e *Raul*, médico recém formado, que retornou à Oeiras após concluir os estudos e herdeiro dos Ribeiros, família do Sobrado que há anos assumira o poder entre os oeirenses.

Neste ambiente de intrigas amorosas e conflitos familiares os mistérios e as ruínas de Oeiras mais uma vez vaza por entre as inquietações que atormentam as personagens: “A cidade dormia entre morros, as igrejas e os sobrados brancos sobressaindo-se na penumbra”; e com o desenrolar da trama, de simples cenário, ela passa a confundi-se com o drama vivido por seus cidadãos:

Ergueu a vista de repente e defrontou o Sobrado. Como vimos parar aqui? Que me arrastou a esta casa de que só tenho más recordações? Lembrou-se [Dulce] de Celina. “Aquela pobre não foi a única vítima do Sobrado. Outras virão, até que ele se durma no tempo”.

[...]

O Dr. João Mendes aproximou-se sem nada entender. Vendo-o ao lado de D. Nini [mãe de Raul], Dulce perdeu as forças sufocada pelos soluços. “Como odeio essa gente!” E baixando a vista em lágrimas, ela abriu a mão que segurava o seixo. O Sobrado vencia de novo. (CARVALHO, 2001, p.154)

De olho na imagem de Oeiras construídas por O. G. Rego neste livro, Teresinha Queiroz ressalta a literatura como *locus* privilegiado para focalizar essa vida do interior, tão matizada, tão cheia de sutilezas e de ambigüidades, tão plena de casualidades e de desafios. Para a historiadora, Oeiras “transborda do romance de O. G. Rego de Carvalho, com suas cadeias sociais vigorosas, suas fortes mulheres varonis, a impetuosidade guerreira e amorosa de seus filhos homens” (1997, p.32).

Não obstante, encontramos algo parecido em *Rio Subterrâneo*, último livro escrito por O. G. Rego de Carvalho. Da mesma forma que os anteriores, trata-se de um romance de difícil enredo, voltado para os fluxos de consciência dos seus personagens. Entre esses, sobressai-se a figura de Lucínio, jovem misterioso e solitário, sua prima Helena, que mora em Oeiras, seu amigo Hermes, de Teresina, e Afonsinha, um amor mal resolvido. Conforme ressalva Moura (1972), a estória são os próprios personagens.

Na qualidade de protagonista, Lucínio, apesar de fisicamente em Teresina (ou na Quinta de Timon), de vez em quando recorre às lembranças dos tempos de outrora, da família e de sua infância em Oeiras, trazendo à cena a avó de Helena, Joana, a louca do sobrado. Por sua vez a cidade também perpassa as angústias de Helena, obrigada a abandonar a terra para estudar em Teresina.

Da janela do sobrado, Helena olhou a ponte, o filete d'água que dormia ao sol, por entre tufos de muçambê, e mais além, a confundir-se com o horizonte, as verdes quintas do [rio] Mocha de leve tocadas pela brisa. [...] Revendo-as ela se comoveu. Sentia-se como se fosse abandonar a infância, que transcorreria ali, envolta em névoa, tendo nos olhos essa mesma paisagem e no coração uma ternura sem fim. Dentro em breve Oeiras, viverá só na lembrança; adeus, velhas ruas, pontes e riachos, morros e sítios; adeus fazendas: bois, as ovelhinhas, o tanque. Oh saudades, aboios dolentes, florescer de mandaracus (CARVALHO, 2001, p.280-281).

Oeiras, portanto, corresponde a uma temática bastante recorrente em toda a literatura do escritor, quase sempre associada às demais temáticas que preenchem os seus livros: medo, angústia, solidão e loucura.

Sob uma atmosfera de mistério, solidão e abandono o escritor reconstrói em seu texto uma imagem metafórica para a Oeiras e para seus cidadãos. Uma imagem que vai de encontro com a condição histórica que a cidade ocupou e ocupava, naquele momento, no cenário piauiense, seja pelas suas tradições sócio-culturais, seja pelas suas características de cidade provinciana.

É por essa porta de entrada para a cidade de Oeiras que pretendemos ir de encontro à literatura de O. G. Rego de Carvalho. Aquela porta de leitura, conforme ressalta Stella Bresciani (1991)⁵, por onde as representações racionais se esgarçam e levantam o véu que encobre as fugidias subjetividades; por onde a cidade, enquanto construção textual, configura uma “realidade” que ultrapassa às construções de tijolos.

Dessa forma, não seria menos oportuno lembrarmos também contribuições de Ítalo Calvino e de suas “Cidades Invisíveis”, com o qual “podemos estabelecer traços que desenham uma articulação entre literatura e história, enquanto conteúdo e forma de construção de texto” (REZENDE, 1995, p.156).

As cidades como os sonhos, são construídas pelos desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas e que todas as coisas escondam uma outra coisa. (CALVINO, 1990, p.44)

Seja pelas suas memórias, seja como objeto de desejo, ou pelos seus símbolos, para Calvino, as cidades possuem uma dimensão que vai muito além dos limites de local de

⁵ Bresciani afirma que todas as cidades teriam sete portas de entrada. Da mesma forma que as portas “reais”, todas eram construções: umas de pedra, outras, as das pesquisas, construções intelectuais que buscam dar conta das várias facetas da vida urbana. As seis primeiras portas de estudo da cidade são construídas nas primeiras décadas do século XIX, num momento de intensa preocupação com o presente e futuro das cidades que se industrializavam. A última porta foi construída teoricamente em tempos mais recentes na tentativa de dar conta da relação subjetiva que as pessoas têm com a cidade e com tudo o que ela contém – coisas, pessoas, memórias, etc. (BRESCIANI, 1991, p.10).

produção de mercadorias ou prestação de serviços. Para o autor, elas constituem um universo repleto de símbolos que dão sentido à sua existência e à de seus cidadãos.

Referências:

- BRESCIANI, Stella. “As sete portas da cidade”. In *Espaço e Debates* n.34, Cidade e História, NERU, 1991.
- CALVINO, Italo. *As Cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- CARVALHO, Orlando Geraldo Rego de. *Como e por que me fiz escritor*. Teresina: Halley, 1994.
- _____, Orlando Geraldo Rego de. *Ficção reunida*. Teresina: Meridiano, 1981.
- _____, Orlando Geraldo Rego de. *Rio subterrâneo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- _____, Orlando Geraldo Rego de. *Somos todos inocentes*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre as práticas e as representações*. Bertrand, Rio de Janeiro, 1992.
- _____, Roger. *O Mundo como Representação*. In: *Estudos Avançados* 5/11. São Paulo: USP. 1991, p.173-191.
- LIMA, Luiz Romero. *Presença da literatura piauiense*. 3ed. Teresina: Halley, 2003
- MOURA, Elaine Cristina Carvalho. *Oeiras, Educação, Arte e Loucura: do significado ao sentido*. Teresina: EDUFPI, 2004. (Dissertação de Mestrado).
- MOURA, Francisco Miguel de. *Linguagem e comunicação em O. G. Rego de Carvalho*. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- NOGUEIRA, Fabiano de Cristo Rios. *O Mundo degradado de Lucinio: a incomunicabilidade em Rio Subterrâneo*. João Pessoa, 1981.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v.08, n.16, p.251-268, 1995.
- _____, Sandra Jatahy. *O imaginário da cidade*. Visões literárias do Urbano. Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre. Ed. UFRGS, 1999.
- QUEIROZ, Teresina. Cidade e História: imagens de Oeiras. In: *Revista do Instituto Histórico de Oeiras*. N14, 1995/97, p.27-34.
- REZENDE, Antonio Paulo. O Recife: os espelhos do passado e os labirintos do presente ou as estações da memória e as inscrições do desejo. *Projeto História*. São Paulo, (18), mai 1999, p.155-166.